
Do álbum ao fotolivro: experiências com fotografias de família¹

Carolina Araujo FORLÉO^{2 3}
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O presente trabalho, escrito em forma de ensaio, busca refletir sobre experiências com fotografias de família: o que acontece quando essas imagens se afastam do álbum e ocupam as páginas de um fotolivro? O texto apresenta vivências pessoais da autora com um álbum de seus bisavós e com os fotolivros *Betty e Eu*, de Eliane Heuser (2020) e *Utaki*, de Ricardo Tokugawa (2021). A discussão está fundamentada nas perspectivas de Benjamin (2012), Larrosa (2014), Lockemann (2022) e Silva (2008).

PALAVRAS-CHAVE: experiência; fotografia; álbum de família; fotolivros.

CORPO DO TEXTO

Notas iniciais

Este texto apresenta uma reflexão sobre experiências com fotografias de família. Considerou-se adequado escrevê-lo em forma de ensaio. Essa escolha fundamentou-se na perspectiva de Jorge Larrosa (2014, p.99), que descreve o relato e o ensaio “como linguagens da experiência”. O pesquisador salienta também que a experiência é sempre pessoal, particular e subjetiva: “duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida” (Larrosa, 2014, p. 24). Por isso, o presente relato de vivências pessoais com imagens de família está redigido em primeira pessoa⁴.

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA-USP). E-mail: carolinaforleo@usp.br.

³ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance code 001.

⁴ Essa elaboração é uma etapa preliminar de minha pesquisa de Doutorado, cujo objetivo é analisar as experiências de produtores e leitores com fotolivros, em particular aqueles que abordam a família como assunto principal – referidos no estudo como fotolivros de família.

Arte de narrar e preservar fotografias

Recentemente, minha avó me mostrou um conjunto de fotografias que eu não conhecia: o álbum do 50º aniversário de casamento dos meus bisavós. Ele está guardado em uma caixa antiga e amarelada. Dento, está o álbum com capa branca, moldura simples e letras douradas que identificam a ocasião. Ao passar as páginas, percebo que as fotografias seguem um ordenamento ritual: a pose solene ao lado do bolo, a cerimônia na igreja, a família reunida na sala, os amigos e parentes alegres no interior da casa e no quintal, os preparativos do evento. Conforme folheamos o álbum e observamos as fotografias, minha avó tece alguns comentários que adicionam detalhes às imagens.

A narração é uma característica fundamental dessa forma privada de arquivamento. O álbum, a partir do sequenciamento das imagens, conta uma história da família. Mas, em geral, há também alguém – quase sempre uma mulher – que o relata, que elabora “em palavras uma história que já está contada em fotografias. Muitas vezes, o relato coincide com a história, mas nem sempre é assim, uma vez que existem pormenores da narrativa que não estão registrados nas fotos” (Silva, 2008, p.129). O relato de um álbum não se repete. Existem infinitas maneiras de recontar as imagens e memórias.

O modo de contar e ouvir histórias de família remete à reflexão de Walter Benjamin (2012, p.213) sobre a relação íntima que existe entre a experiência e a arte de narrar: “são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. [...] É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (Benjamin, 2012, p.213). De acordo com essa perspectiva, a arte de narrar e a experiência fundamentam-se na transmissão oral de histórias que possuem alguma utilidade, como ensinamento moral, conselho ou sugestão prática.

O potencial de passar adiante conhecimentos, sabedorias e experiências é intrínseca à arte de narrar, pois “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo” (Benjamin, 2012, p.221). Essa vontade de preservar lembranças nos conduz novamente ao álbum familiar, que também expressa o “desejo de manter a imagem do outro” e o “desejo de sobreviver à morte como espécie, sobrenome, categoria, enfim, como imagem” (Silva, 2008, p.36). Os álbuns são organizados pensando nos familiares futuros que serão os responsáveis por preservar e dar continuidade à transmissão das histórias (Silva, 2008).

Minha vivência pessoal reforça esse princípio do álbum. Meu bisavô faleceu cerca de dez anos antes de eu nascer. Minha bisavó, quando eu tinha apenas dois anos. Meu vínculo afetivo com eles é construído a partir de fotos, objetos, histórias e relatos. Ao ver esse álbum, conheço um pouco mais meus antepassados e compreendo um pouco mais de mim mesma. Reitero que a experiência com o álbum de família se manifesta no ato de contar e preservar histórias. Mas, questiono: o que acontece quando as fotografias de família se afastam do álbum e passam a ocupar as páginas de um fotolivro? Ao silenciar o relato oral que acompanha as imagens, extingue-se também a experiência?

Pontos de indeterminação, fontes de inquietação

O primeiro fotolivro de família com que tive contato foi *Betty e Eu*, de Eliane Heuser (2020). Essa é uma publicação elaborada com 30 fotografias do arquivo pessoal da autora. Em todas as imagens vemos duas meninas, que presumimos ser Betty e Eliane. Elas estão sempre juntas, com roupas iguais, como gêmeas – embora se perceba uma pequena diferença de idade entre elas. Essa situação se repete durante a infância e a adolescência, mas o livro não segue uma cronologia. É frequente a companhia de uma mulher, presumivelmente, a mãe.

Não há texto ou legenda. As histórias e os detalhes são desconhecidos aos leitores. Não há um fio condutor, uma narração explícita, como no relato de um álbum. Cabe a nós, observar, questionar e imaginar o que acontece nas páginas do fotolivro. Para isso, podemos recorrer a dois modos de leitura. O primeiro diz respeito a uma tentativa de compreender e interpretar rapidamente a imagem. Já o segundo prioriza o olhar para o entorno, para os detalhes e elementos que compõe a cena (Lockemann, 2022).

No segundo modo de leitura são enfatizados os pontos de indeterminação, isto é, a incerteza que uma imagem fotográfica cria, pois não é possível “andar em volta dos objetos e olhá-los a partir de outras perspectivas de dentro da imagem” (Lockemann, 2022, p.50, tradução própria). Esses pontos são fontes de inquietação que desafiam quem observa as imagens e costumam ser difíceis de aguentar ou sustentar (Lockemann, 2022). Para diminuir o desconforto provocado pela imagem, tentamos resolver as indeterminações o mais rápido possível.

Em meu contato com *Betty e eu*, tentei resistir ao impulso de compreender as fotografias imediatamente. Enquanto via as imagens, me atentava aos detalhes e permitia que diferentes questionamentos atravessassem meu pensamento: por que as meninas estão

sempre com roupas iguais? Elas achavam divertido ou havia um certo incômodo? Como era a convivência entre as irmãs? Tentei não imaginar explicações, mas deixar as incertezas no ar.

Conforme passava as páginas, percebi que não olhava mais as semelhanças, mas aquilo que não era igual. Procurei nos gestos, nas poses, nas fisionomias. Ao tirar o foco das meninas, vi o olhar e a postura da mãe. Ao longo do livro ela se retrai, fica mais séria. O que pode ter causado essa mudança? A impossibilidade de responder às dúvidas que nos inquietam, convida a uma observação demorada (Lockemann, 2022).

Ao mergulhar demoradamente em *Betty e eu*, é possível vislumbrar as personalidades das meninas. Uma parece ser mais certinha e a outra, brincalhona. Ao final, uma fotografia mostra as irmãs sentadas na grama. Nessa imagem parece que, finalmente, as meninas estão demonstrando sua singularidade. A última fotografia, no entanto, frustra essa interpretação e provoca mais um estranhamento. Vemos duas mulheres adultas vestidas com roupas iguais. Elas continuaram se vestindo de modo idêntico na vida adulta? Esse registro é uma brincadeira para relembrar a infância? Essa fotografia nos desestabiliza, justamente, porque abre novos pontos de indeterminação.

Embora não haja vínculo familiar entre as pessoas retratadas e quem observa a publicação, *Betty e eu* mantém uma relação estreita com a lógica e a estética do álbum. Há uma tentativa de colecionar e catalogar um tema, isto é, as meninas vestidas iguais. No entanto, esse esforço não parece ter como objetivo preservar as lembranças de infâncias, mas provocar questionamentos sobre a construção de identidade e de individualidade. As imagens desse fotolivro conseguem manter sua indeterminação, e, desse modo, nos convidam a uma imersão nas fotografias da família.

Gestos de interrupção: parar para ouvir, sentir, pensar

Outro fotolivro que deixa pontos de indeterminação abertos e provoca uma série de questionamentos é *Utaki: lugar sagrado*, de Ricardo Tokugawa (2021). A família e a casa são os temas centrais da obra. A maioria das 70 imagens que compõe o fotolivro foram produzidas pelo fotógrafo-autor e protagonizadas por ele, seus pais e sua avó. As fotografias retratam o cotidiano e algumas situações banais, como trocar uma lâmpada ou cuidar das plantas. No entanto, as cenas parecem ser marcadamente pensadas, dirigidas e encenadas pelos membros da família.

Há também acontecimentos menos habituais ao universo das fotografias de família. Diversas imagens são inesperadas, curiosas e funcionam como metáforas visuais. Questiono a todo o momento o que estou vendo. Qual a relação de uma imagem com a outra? Qual é a história que está sendo contada? Passo as páginas até chegar ao final. Acabo de folhear e começo de novo. Sinto um incômodo. Por que o fotógrafo escolheu fazer essas imagens? Para desconstruir a fotografia de família? De fato, Ricardo Tokugawa tensiona a representação convencional da família e evidencia a encenação, a falta de espontaneidade que o álbum tenta encobrir. Reconheço a qualidade técnica e estética das fotografias, mas os estranhamentos me mantêm distante do livro.

Perco o fotolivro algumas vezes, com o olhar atento. Nesse folhear cuidadoso, uma imagem me fez parar: uma cadeira vazia com encosto alongado e arredondado. Na casa dos meus avós havia um conjunto de cadeiras iguais a àquela. A partir desse momento, comecei a ver um pouco da minha família nos pequenos detalhes. Senti saudades. O fotolivro de Tokugawa ressoou em mim. Me tocou.

Esse contato com *Utaki* evoca a noção de experiência descrita por Jorge Larrosa (2014, p.12): “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Tendo como ponto de partida o já mencionado texto de Benjamin, o pesquisador também indica o excesso de informação e de opinião como causas do declínio da experiência. A compulsão por estar bem-informado e ter uma opinião pessoal e crítica sobre todos os acontecimentos impossibilita o desenvolvimento da experiência.

Em sua reflexão, Larrosa (2014) menciona ainda o excesso de trabalho e a falta de tempo como motivos para o atual declínio da experiência. Em particular, destaco a relação estabelecida entre tempo e experiência: na atualidade os estímulos são fugazes, efêmeros e passam demasiadamente depressa. Essa rapidez e o desejo constante pelo que é novo transformam a experiência em algo cada vez mais escasso, pois “impedem a conexão significativa entre acontecimentos” (Larrosa, 2014, p.15). Para que a experiência se manifeste é preciso tempo.

O fotolivro de Tokugawa me tocou porque me permiti passar um tempo com ele. Avançar e retornar as páginas. Olhar de novo e de novo. Nesse processo, abri espaço para a experiência se desenvolver, para assimilar, aos poucos, o conteúdo, os detalhes, os sentidos. Parei para ver, sentir, refletir. A diagramação do livro também nos afasta de uma leitura automática e convida a um olhar mais demorado. Há margens e espaços em branco

que sugerem respiro, pausa, silêncio. As imagens, de tamanhos distintos, estão dispostas de modo variado.

A publicação apresenta uma narrativa aberta. Suas camadas e elementos são revelados quando paramos para observar. Esse é, portanto, um trabalho íntimo e profundo que se vale do potencial de imersão do fotolivro (Lockemann, 2022). Ao mesmo tempo em que nos identificamos e transpomos nossas próprias memórias e histórias, somos atravessados por imagens que contrariam à familiaridade dessas representações e nos instigam. Nessa dualidade, *Utaki* nos convida a mergulhar e desacelerar. E, desse modo, torna possível a experiência: algo nos acontece, nos toca, nos atravessa.

A partir desse envolvimento com os fotolivros *Betty e eu* e *Utaki*, observo que a ausência de oralidade não extingue a experiência associada à fotografia de família. O deslocamento do álbum para o fotolivro transforma as imagens. Lá, elas documentam a vida privada e preservam memórias. Aqui, questionam, instigam, provocam. Nesse desdobramento, a experiência também adquire novos contornos: indeterminação, inquietação, imersão. Em todo caso, para que algo nos aconteça, nos toque, nos atravesse ou nos transforme – seja no álbum ou no fotolivro –, precisamos nos permitir um outro tempo. Resistir à aceleração constante, aos impulsos e interpretações imediatas. Estar abertos. Suspender as certezas. Olhar para os outros e para nós mesmos.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. IN: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. p.213-240.

HEUSER, Eliane. **Betty e Eu**. Porto Alegre: Editora Austral. 2020.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica. Edição Kindle. 2014.

LOCKEMANN, Bettina. Phenomenon photobook: a visual studies approach. In: LOCKEMANN, Bettina. **Thinking the photobook**: a practical guide. Berlim: Hatje Cantz, 2022. p.41-69

SILVA, Armando. **Álbum de família**: a imagem de nós mesmos. Tradução Sandra Martha Dolinsk. São Paulo: Editora Senac São Paulo. 2008.

TOKUGAWA, Ricardo. **Utaki**: lugar sagrado / *Utaki*: sacred place / *Utaki*: うたき. Tradução Jane Tomoyo Miyahara, Fernando Janson. São Paulo: Lovely House, 2021.